

OS “USOS DE SI” POR BIBLIOTECÁRIOS NO SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL EM
ATIVIDADE DE TRABALHO APÓS FORMAÇÃO CONTINUADA
EM CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO


*THE WORK OF LIBRARIANS AS PUBLIC SERVANTS AFTER CONCLUDING
POST-GRADUATION*

 Fabiana Pereira dos Santos¹

¹ Doutoranda na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Bibliotecária/Documentalista na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG.
E-mail: fabiana.ufmg@gmail.com



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: A autora declara que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 05/03/2021.

Aceito em: 14/04/2021.

Como citar este artigo:

SANTOS, Fabiana Pereira dos. Os “usos de si” por bibliotecários no serviço público federal em atividade de trabalho após formação continuada em cursos de pós-graduação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 6, n. especial, p. 91-107, maio 2021. DOI:

<https://doi.org/10.36517/2525-3468.ip.v6iespecial.2021.62776.91-107>.

RESUMO

O mundo do trabalho tem passado por modificações, os profissionais se veem com necessidades constantes de formação continuada. Para melhorar a prestação de serviços e valorizar os profissionais, o Estado incentiva e até formula instrumentos para facilitar a gestão da carreira dos servidores. Um dos instrumentos é o plano de carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, instituído pela lei 11.091, de 12/01/05. O objetivo é investigar os “usos de si” feitos por bibliotecários em atividade de trabalho após formação continuada em cursos de pós-graduação stricto sensu. O estudo se alicerçará em bases teóricas da ergologia. Justifica-se esta proposta pela importância de se estudar uma prática profissional que tem lastro histórico, está regulamentada e sedimentada no mundo do trabalho. Acredita-se que os profissionais utilizam estratégias para realizar renormalizações e, assim, entende e driblar as deformações do meio e dar sentido às suas atividades. E que as formações continuadas em nível de mestrado e doutorado podem ser utilizadas como ferramentas que sustentarão e auxiliarão estas ações. Esses são postulados inspirados pela revisão teórica realizada e se mostram importantes para desenvolvimento da pesquisa empírica, que se propôs realizar junto a bibliotecários que atuam no serviço público federal.

Palavras-chave: “Usos de si”. Profissional bibliotecário. Formação continuada. Atividade de trabalho. Ciência da Informação.

ABSTRACT

The world of work has gone through changes, and professionals are in constant need of continuing education. To improve the provision of services and value professionals, the State encourages and even formulates instruments to facilitate the management of the career of its employees. One of the instruments is the career plan for Technical-Administrative positions in Education, established by law 11.091, of 12/01/05. The goal is to investigate the "uses of self" made by librarians in their work activities after their continuing education in stricto sensu post-graduation courses. The study will be based on ergology theories. This proposal is justified by the importance of studying a professional practice

that has historical ballast, is regulated and established in the world of work. It is believed that professionals use strategies to perform renormalizations, and thus understand and dribble the deformations of the environment and give meaning to their activities. And that continuing education at the master's and doctoral levels can be used as tools that will support and help these actions. These are postulates inspired by the theoretical review carried out and are important for the development of empirical research, which was proposed to be carried out with librarians who work in the federal public service.

Keywords: Uses of itself. Librarian professional. Continuing education. Work activity. Information Science.

1 INTRODUÇÃO

Com a intenção de melhoria no exercício da função pública e aumento da eficácia nos serviços em geral, o governo lança mão de alguns instrumentos para facilitar a gestão dos serviços organizacionais. Um dos instrumentos utilizados para gestão dos recursos humanos é o plano de carreira. Através dele, os funcionários são encaixados em determinadas categorias, e podem conhecer quais as formas, instrumentos e meios de avançar na carreira. O plano de carreira para o servidor é interessante, pois apresenta desde a entrada deste sujeito no serviço público, o caminho e a possível evolução dentro da carreira e da organização. Para Schuster e Dias (2012, p. 7)

Após a investidura no cargo, o servidor tem um vínculo com a sociedade, prestando serviços a esta através da instituição ou órgão ao qual está lotado. O desenvolvimento deste passa a ser um investimento do governo para proporcionar retornos à sociedade em geral em prestação de serviços de qualidade, como ferramenta de gerenciar a qualidade e o desenvolvimento de seus recursos humanos, o Estado estrutura o plano de carreira de seus servidores, que o conhecem desde sua entrada em exercício, ficando sabendo de seus direitos e deveres, e as possibilidades de evolução.

O plano de carreira dos Técnicos Administrativos em Educação, instituído pela lei 11.091 de 12 de janeiro de 2005, está estruturado em níveis de classificação, com níveis de capacitação e padrões de vencimentos básicos. Além disso, existe ainda o incentivo à qualificação: quando é oferecido um percentual extra de remuneração a cada grau de graduação superior ao cargo que o servidor é concursado, para graduação, especialização

lato sensu, mestrado ou doutorado. A partir deste plano, os órgãos administrativos definem as áreas afins para delimitação de cursos e capacitações válidas para este universo de funcionários.

E é neste contexto que se insere o sujeito deste: os Bibliotecários Técnicos Administrativos em Educação, mais especificamente, bibliotecários concursados que atuam em uma universidade pública no sudeste do Brasil. Estes indivíduos concluíram mestrado e/ou doutorado como formação continuada, e conseqüentemente obtiveram avanço na carreira.

2 APRESENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

No Brasil, a regulamentação da atividade profissional do bibliotecário se deu na década de 1960, mais precisamente em 1962, com a sanção da Lei nº 4.084, que dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício.

Além da legislação que regulamenta o exercício da profissão, o Ministério do Trabalho e Emprego por meio da Classificação Brasileira de Ocupações - CBO traz informações valiosas sobre as possibilidades de atuação do bibliotecário. A CBO, instituída pela Portaria Ministerial nº. 397, de 9 de outubro de 2002, é o documento que nomeia, codifica os títulos e descreve as características e conteúdos das ocupações do mercado de trabalho brasileiro. A CBO organiza as ocupações em famílias e o profissional bibliotecário está inserido na família dos profissionais da informação.

No Brasil, A CBO, a partir de 2002, identifica a família ocupacional de “profissional da informação” (código 2612) para aqueles com bacharelado em biblioteconomia e documentação e com cargos de bibliotecário, documentalista ou analista de informações (pesquisador de informações na rede). (PENA, 2015, p. 89).

A CBO pode ser considerada uma fonte importante para se ter como base às atividades das profissões. De acordo com Cunha e Crivellari (2004, p. 7) “a ocupação é conceituada como o conjunto articulado de funções, tarefas e operações, que constituem as obrigações atribuídas a um trabalhador, destinadas à obtenção de produtos ou serviços”.

A instituição a ser pesquisada tem em seu quadro funcional 144 vagas para o cargo de bibliotecário documentalista, sendo que 139 destas estão ocupadas. Os bibliotecários estão distribuídos em 25 bibliotecas setoriais que se vinculam tecnicamente à Diretoria

da Biblioteca Universitária (órgão vinculado diretamente à Reitoria da universidade) e administrativamente às Unidades Acadêmicas, Escolas de Educação Básica e Profissional e órgãos suplementares em que se localizam.

Com a chegada e desenvolvimento de ferramentas tecnológicas o profissional bibliotecário, assim como muitos outros, tiveram que se apropriar dessas tecnologias e fazer constante uso das mesmas para gerir e facilitar suas rotinas laborais. Além disso, o imperativo de rápidas mudanças informacionais vivido na então conhecida sociedade da informação e do conhecimento exige que este profissional esteja em constante aperfeiçoamento e capacitação. No âmbito acadêmico, estas demandas são ainda mais exigidas do profissional, visto que a Universidade é um local de produção e reelaboração criativa de conhecimentos.

O atual contexto da Universidade também tem se caracterizado por mudanças tecnológicas, culturais e científicas muito rápidas, o que exige capacitações, habilidades e formações continuadas, bibliotecários sintonizados com a dinâmica da informação e capazes de agirem como mediadores no acesso às suas fontes, bem como prontos para atuarem também como educadores (SANTOS, 2015, p. 18).

No que tange ao aperfeiçoamento e formação continuada, a bibliografia é categórica ao afirmar ser de extrema necessidade uma continuidade nos estudos como forma de conhecer as novas ferramentas e tecnologias disponíveis (CRESPO, RODRIGUES; MIRANDA, 2006; PROSDOCIMO, OHIRA, 1999). Afirmam também que a educação continuada é uma forma eficiente de o profissional se manter competitivo e atuante em um mercado de trabalho cada vez mais concorrente (SILVA, PONTE, 2013; CRESPO; RODRIGUES; MIRANDA, 2006).

Muitos autores acreditam que esta premente necessidade de atualização e formação continuada é consequência das transformações ocorridas nas sociedades, principalmente pelo aumento substancial de informações registradas e disponíveis (MIRANDA, SOLINO, 2006; SILVA, PONTES, 2013; CRESPO; RODRIGUES; MIRANDA, 2006).

Assim, o desenvolvimento profissional dos bibliotecários tem se colocado como uma necessidade premente diante dos novos desafios surgidos no seu trabalho de mediação entre fontes e recursos de informação, cada vez mais ricos e variados; e sujeitos, cada vez mais diversos culturalmente em razão da ampliação das facilidades de acesso aos meios tecnológicos e ao ensino superior.

Faz-se importante pensar o sujeito trabalhador neste contexto, suas práticas e opções após a educação continuada, ponderar sobre o trabalho real, objetivos e consequências. Quais serão os possíveis ganhos e os custos para os sujeitos. Diante do exposto, a temática deste projeto, se desenvolve nos “usos de si” por bibliotecários em atividade de trabalho após formação continuada em cursos de pós-graduação stricto sensu e as renormalizações criadas por estes profissionais para dar sentido às suas atividades.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A sociedade da informação é marcada pelo acirramento do imperativo tecnológico e a ideia de um mundo globalizado. Alguns autores encontraram neste contexto a ideia de uma sociedade do conhecimento, onde através da tecnologia seria possível acesso a uma ampla gama de informações e conseqüentemente a construção de conhecimentos. Porém, em diversas situações esta grande quantidade de informações não é processada e/ou acessada pelo sujeito, assim esta ligação entre tecnologia, informação nem sempre resulta em criação de conhecimentos. O grande número de informações, a noção de globalização também influenciou profundamente o mercado de trabalho.

Para Lastres e Albagli (1999, p. 9)

Esse novo papel da informação e do conhecimento nas economias vem provocando modificações substantivas nas relações, forma e conteúdo do trabalho, o qual assume um caráter cada vez mais “informacional”, com implicações significativas sobre o perfil do emprego.

O modo como a informação é armazenada e disponibilizada alterou as formas de busca e uso de documentos. O desenvolvimento das tecnologias ampliou as oportunidades para o acesso à informação, à participação e ampliação de redes de ensino-aprendizagem. Com o avanço das TIC, a atividade das unidades de informação e bibliotecas que trabalham com organização e disseminação da informação foi bastante afetada. Para Silva (2004, p. 85)

Em razão das tecnologias emergentes aplicadas a sociedade, ocorrem impactos sobre as bibliotecas ou unidades de informação. Afinal, bibliotecas são organismos sociais prestadores de serviços públicos de informação. Caracterizam-se pela constante promoção de intercâmbio com a sociedade da qual sofre influência cultural, econômica científica e tecnológica.

O presente contexto de mudanças tecnológicas provoca a efemeridade de disposições técnicas e a necessidade do profissional bibliotecário sair do mundo fechado pelas paredes das bibliotecas, pois ele se vê dentro de um turbilhão de novas informações, processos e serviços que são criados e disseminados em grandes velocidades.

Cada tecnologia, de fato, afeta de maneira diferente o funcionamento do sistema bibliotecário e/ou modo como os usuários a ele reagem e se adaptam. A tecnologia deve ser compreendida como fator de mudanças para as bibliotecas, provocando novos estímulos e necessidades e alterando paradigmas estabelecidos ao longo do tempo. Ademais, a biblioteca, sendo um elo na cadeia de fluxo de informação, é mais afetada do que promotora delas. (SILVA, 2004, p. 85).

É visível então que, as últimas décadas trouxeram grandes invenções tecnológicas que marcaram profundamente a forma de se perceber o universo laboral na área de informação, bem como suas implicações na sociedade

As transformações que ocorreram, no mundo do trabalho, a partir das últimas décadas do século XX, afetaram a base constitutiva dos sistemas profissionais e, conseqüentemente, os seus sistemas de formação. Escolas, universidades, associações de classe e sindicatos discutem internamente com os seus pares, ou dialogam com outros ramos profissionais sobre as suas experiências, buscando nas saídas alternativas aquelas que melhor atendam ao corpo de profissionais de uma mesma categoria. (CRIVELLARI, 2003, p. 1).

Assim, com a chegada e desenvolvimento de ferramentas tecnológicas, o profissional bibliotecário, bem como muitos outros, tiveram que se apropriar destas tecnologias e fazer constante uso das mesmas para gerir e facilitar suas rotinas laborais. Silva (2004) ao comentar os efeitos e reflexos do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação - TIC na atividade bibliotecária, mais precisamente nas ações para aquisição e seleção de materiais, afirma que

Posicionamento em relação a conhecimentos tecnológicos, noções de direito e capacidade de negociação possibilitam o delineamento do novo perfil do bibliotecário para a atividade em foco. Entendemos, portanto, que os processos tradicionais de seleção e aquisição estão sendo afetados pelas inovações tecnológicas, tanto no que se refere a formatos dos materiais de informação como a sua divulgação por meio de redes eletrônicas. Ao bibliotecário cabe ampliar seus conhecimentos de informática, manuseio de produtos eletrônicos e formas de compreensão e negociação de contratos legais. Em suma, o bibliotecário caminha de uma realidade para outra. (SILVA, 2004, p. 95).

Porém, acredita-se que estas não foram as únicas mudanças. O atual imperativo tecnológico também pode ter modificado o atual mundo do trabalho e as formas de se trabalhar, alterado as dramáticas e conseqüentemente os meios e jeitos de se usar o “corpo si” em atividade de trabalho.

Para a Ciência da Informação e biblioteconomia enquanto campos de estudos que abarcam as transformações da sociedade rumo a uma suposta “era do conhecimento”, o mundo do trabalho, mais propriamente os que tratam das práticas relacionadas ao manuseio e uso da informação, tornam-se tema especialmente relevante. Neste contexto, a prática bibliotecária adquire destaque por conta de seu lastro histórico, que remonta à antiguidade, bem como de sua efetiva participação dentro da família ocupacional de “profissional da informação”.

O termo Ciência da Informação pode ser visto como área do conhecimento e, portanto, incluída no sistema de classificação das ciências; pode ser visto como nome de escola universitária dedicada à formação profissional no nível do terceiro grau; pode ser visto, apenas, como nome de curso de pós-graduação, abrigado por escolas universitárias de Biblioteconomia ou de Comunicação. Este é o caso recente da Ciência da Informação, no Brasil. E, nos três casos acima mencionados, é fundamental considerar os seus praticantes, que são professores, pesquisadores, pós-graduados, bibliotecários, analistas da informação, museólogos, arquivistas, arquivologistas, apenas para mencionar as ocupações mais comuns, ligadas ao mesmo termo classificatório. Mas, no caso dos praticantes, é preciso neles pensar enquanto sujeitos concretos, homens e mulheres, com um cotidiano de trabalho, onde exercem sua profissão ou sua ocupação, dele extraíndo rendimentos, garantindo a reprodução social e do conhecimento. (CRIVELLARI, 2003, p. 11).

É proposto estudar a atividade de trabalho real de bibliotecários e os “usos de si” a partir do ponto de vista da disciplina ergológica. A abordagem ergológica nasce da necessidade de pesquisadores universitários conhecerem a atividade do trabalho. Para os ergólogos, ninguém conhece o trabalho do outro sem se envolver com o mesmo. Para isso, foi fundamental incorporar o trabalhador nas pesquisas, bem como valorizar o saber dos mesmos. Para Cunha (2007, p. 8)

A perspectiva da abordagem ergológica do trabalho passa notadamente pelo face a face com esta **entidade enigmática** denominada *corpo si*. Este si que faz uso de si mesmo nas microestratégias da vida industriosa, até mesmo nos movimentos mais minúsculos. É lugar obscuro do fazer, é ‘alma’, lugar onde está em jogo a harmonia de nossas faculdades. Este si é um indicador de problemas – ‘*corpo-pessoa*’ – nas situações de trabalho.

Na ergologia, o trabalho é tratado como matéria estrangeira. Assim, como matéria estrangeira, é necessário criar condições para ele se mostrar, ou seja, ele é visto como fenômeno enigmático, imprevisível, ainda que esteja em um dado momento histórico. Para Cunha (2007, p. 2):

O trabalho, tal como mostrou a ergonomia, é lugar de uma distância inevitável entre o prescrito e o real, portanto, lugar de acontecimentos complexos, marcado por decisões instruídas para preencher estas lacunas. A atividade se engedra nessa porosidade do prescrito, em seus interstícios como micro-decisões. Ela é conduta industriosa, decisão – julgamento orientado por critérios; arbitragem baseada em valores.

Para Schwartz (1996), é impossível uma definição clara e objetiva de trabalho, além de ser de difícil clareza a linha tênue entre trabalho e não-trabalho:

Enfim, economistas, sociólogos, historiadores reivindicarão a generalização do regime de salários (no século XIX, início do século XX) para a construção de um conceito óbvio de trabalho: o tempo dedicado para o trabalho traçaria uma linha clara de demarcação entre ‘trabalho’ e ‘não-trabalho’, entre a esfera do tempo ‘público’ e a esfera do tempo ‘privado’ ou do tempo para si mesmo, e abriria o campo para os modelos de quantificação e de medida do ‘valor’ trabalho. (SCHWARTZ, 1996, p. 149).

Porém, Schwartz (1996) ainda afirma que o trabalho não deve ser pensado como algo simples, uma troca de tempo por dinheiro, envolve complexidades. De acordo com ele, para a ergologia, o trabalho

[...] acumula herança de seus sucessivos nascimentos: não se inventa nada no campo que denominados ‘ergológico’, é preciso ver o que isto tem a dizer: nunca compreendemos inteiramente esta realidade que articula inextricavelmente o antropológico, o histórico, heranças imemoriais e relações sociais extremamente carregadas de sentido. E isto remete a muitas exigências dialéticas para qualquer política futura do trabalho, Alguma coisa enigmática que ele cristaliza em si atravessa e circula entre as diversas formas de atividade da quais *algumas* têm forma ‘emprego e outras não: trabalho para si ou sobre si, trabalho doméstico, militante estratégico, político. (SCHWARTZ, 1996, p. 151).

Há uma falta de clareza entre trabalho e atividade, mas vale ressaltar que todo trabalho é uma atividade, mas nem toda atividade é trabalho. Trinquet (2010, p. 96), ao falar sobre a confusão entre os dois conceitos afirma que:

a atividade é tomada no sentido de *atividade interior*. É o que se passa na mente e no corpo da pessoa no trabalho, em diálogo com ela mesma, com o seu meio e com os “outros”. Embora seja uma ideia abstrata, é muito fecunda e eficaz. Definitivamente, é o que faz com que o trabalho possa se realizar e, de fato, se realiza. Na ergologia, nós nomeamos essa situação de: *debate de normas e transgressões*, o que, frequentemente, resulta em *renormalizações*.

Para Schwartz (1996, p. 151)

Toda forma de atividade em qualquer circunstância requer sempre variáveis para serem geridas, em situações históricas sempre em parte singulares, portanto escolhas a serem feitas, arbitragens – às vezes quase inconscientes – portanto, o que eu chamo de ‘usos de si’, usos dramáticos de si’.

Ainda para Trinquet (2010, p. 100)

Para a ergologia, em toda a atividade e, portanto, em toda atividade de trabalho, coloca-se em prática um saber pessoal, para preencher e gerir a distância prescrito/real. Esse saber é o resultado da história individual de cada um, sempre singular, ou seja, adquirida da própria experiência profissional e de outras experiências (social, familiar, cultural, esportiva, etc.) e que remete a valores, à educação, em resumo, à própria personalidade de cada um. Esse saber investido – que é um verdadeiro saber – é complementar do saber constituído.

Ainda sobre atividade, vale ressaltar que a mesma é imbuída de transgressões, contradições e mediações. De acordo com Cunha (2007, p. 4) “A atividade promove a mediação com o meio através de valores, possibilitando associar individual e coletivo, bem como os níveis macro e micro da vida social”.

A ergologia busca os fundamentos de trabalho real e prescrito da ergonomia para realçar a impossibilidade de execução do trabalho como definido nas normas, e assim traz à tona o conceito de renormalizações. Para ergologia, o sujeito convoca saberes investidos e constituídos para realizar a atividade de trabalho, assim nunca o que foi prescrito, será realizado conforme a prescrição. Essa nova forma de realizar o trabalho, imbricada de subjetividade, será a renormalização.

Vale destacar aqui, que o saber constituído é o saber prescrito, acadêmico, conhecido e formalizado, já os saberes são investidos

[...] porque remete à especificidade da competência adquirida na experiência da gestão de toda a atividade de trabalho. E esta experiência é investida nesta situação única e histórica. Trata-se de um saber que está em aderência com a atividade. Ele não é formalizado e nem escrito em qualquer lugar. Essa experiência está cravada no intelecto e/ou no corpo, no corpo-si, como diria Schwartz, quer dizer, ao mesmo tempo no corpo e na mente ou na alma. Sem atribuir, para este último termo, qualquer conotação religiosa. Situamo-nos, aqui, no domínio do material e do ideal, do materialismo e do idealismo. (TRINQUET, 2010, p. 101).

Assim, para realizar a atividade de trabalho o sujeito faz “usos de si” por si e pelo outro, para preencher um “vazio de normas”, ou seja, preencher a lacuna existente entre o trabalho prescrito (normalizado) e o trabalho real (renormalizado). De acordo com pesquisador ergológico Yves Schwartz (2007, p. 196-197)

“Uso de si por si, uso de si pelos outros”: o uso de si pelos outros, de uma certa maneira, é o fato de que todo universo de atividade, de atividade de trabalho, é um universo em que reinam normas de todos os tipos: quer sejam científicas, técnicas, organizacionais, gestionárias, hierárquicas, quer remetam a relações de desigualdade, de subordinação, de poder – há tudo isso junto.

Quando nós dizemos que cada um tenta viver-se como centro de um meio, com todas as reservas necessárias, isso significa que se entra em um meio em que as imposições são muito fortes. Não se faz o que se quer – muito, muito longe disso, e cada um de nós sabe bem disso. A um ponto em que se teve a tendência, na cultura e nas ciências sociais, a unicamente encarar o uso de si pelos outros, por outros, ou seja, a não supor ou a não evocar senão o mundo das exigências, pensando que isso bastasse para compreender a atividade. Eu evoquei há pouco, em resposta a questão sobre o reexame do taylorismo, o fato de que há o *impossível* e o *invivível*. Esse fato nos remete a ideia de que, ao mesmo tempo, todo uso de si é simultaneamente uso de si por si mesmo – porque permanentemente surgem o que eu chamo de “os vazios ou as deficiências de normas”. Essa alimentação permanente entre o impossível e o invivível remete a uma pessoa.

É perceptível então, que ao abordar a atividade de trabalho dos profissionais bibliotecários nos apoiaremos também em valores, sentimentos, novas formas de ver e pensar esta atividade. Para Cunha (2007, p. 4) “analisar o trabalho implica acessar o mundo dos valores que oscilam de um ‘humanismo enigmático’ (pólo universal) ao ‘centro de vida’ onde os mesmos são tratados (pólo singular)”.

Vale refletir e pensar o ser humano, mais precisamente o profissional bibliotecário como um todo. O mesmo ser do lazer é o do não-lazer, do trabalho e não-trabalho. Para Schwartz (1996, p. 152) “Não temos dois corpos, um para ‘o trabalho’ e outro para o ‘fora do trabalho’, é o mesmo corpo que enfrenta, experimenta-se, forma-se, gasta-se em todas as situações da vida social.”

É fundamental entender a atividade de trabalho, enquanto processo de vida, parte intrínseca e ao mesmo tempo constituinte do ser, que demandam ações, escolhas, gerências e até mesmo não gerências. De acordo com Schwartz (1996, p. 152)

toda situação de trabalho supõe, como disse, arbitragens, ponderações, critérios, portanto também *engajamento*. Exemplos: a ‘qualidade’ versus ‘quantidade’, a ‘economia de si’ versus ‘facilitar a ação coletiva’ etc... esta situação é, pois, mesmo se o mais frequentemente na penumbra, imersão num universo de valores: ora, não mais do que a propósito de corpo-si, não se pode compartimentar este universo em ‘valores do trabalho’ e ‘outros valores’... Os valores circulam e se retrabalham entre o polo ‘trabalho-emprego’ e os outros encontros com a vida social e cultural.

Schwartz (1996, p. 151) ainda afirma que “Não há uma situação de trabalho que não comprometa esta obscura entidade, entre o biológico, o psíquico e o histórico, e *isto mesmo nas atividades consideradas imateriais*”. Sendo assim, todas as situações e contextos de trabalho supõem julgamentos, escolhas, critérios, envolvimento, portanto, implicam em constante “uso de si”.

Dessa forma, estudar e conhecer os “usos de si” realizados por bibliotecários em sua atividade laboral é mais que analisar o trabalho deste indivíduo, mas entendê-los como sujeitos criadores de conhecimentos e saberes que os auxiliam nas renormalizações do meio e conseqüentemente trazem sentidos à sua atividade e à sua própria vida.

4 PRINCIPAIS ADVERSIDADES ENCONTRADAS

O plano de carreira é de fundamental importância para nortear a ascensão na carreira do funcionalismo público federal, porém existem algumas observações interessantes a serem consideradas em relação à sua implementação. A primeira delas é que o plano liga a progressão a cursos teóricos. Os profissionais se percebem em situações não práticas, as vezes até distantes de sua realidade, o que dificulta a apropriação dos conteúdos, bem como a utilização dos mesmos no ambiente de trabalho. Em algumas ocasiões, apesar do curso ser ligado à área de atuação do órgão, seu conteúdo pode não ser utilizado pelo profissional em situações efetivas de trabalho.

Outra questão de análise são os quesitos tempo e escolhas pessoais, pois com o prazo para apresentação dos certificados ao Departamento de Recursos Humanos da Universidade, muitas vezes, o profissional, como única forma de aumento de salário, faz cursos aleatórios para conseguir a progressão na carreira e o tão almejado aumento de renda. Mesmo que estes cursos não tenham direta correlação prática ao seu dia-a-dia. Assim, nem sempre o objetivo de aumento de informações e saberes que auxiliem nas tarefas corriqueiras do fazer é alcançado.

As maiores gratificações se dão através das progressões por qualificação, ou seja, com a conclusão de um curso de pós-graduação *stricto sensu*, porém na cidade de Belo Horizonte e mediações têm-se poucos mestrados e doutorados profissionais. A maioria dos cursos existentes está voltada para a perspectiva acadêmica. Pode ser percebido,

muitas vezes, nestes casos, o distanciamento e a dificuldade de se aliar estudos acadêmicos à prática profissional.

Outro dilema que pode ser encontrado é que, após a finalização dos cursos, os profissionais têm o aumento progressivo financeiro, porém continuam atuando na mesma atividade e posto de trabalho. Assim, tem-se um profissional capacitado/titulado de doutor/mestre com as mesmas funções de um bacharel. Nestes casos, o profissional tem que fazer renormalizações no ambiente (nem sempre flexível), no sentido de usar os conhecimentos construídos nas capacitações e qualificações, com objetivo de melhorar as condições de trabalho e prestação de serviços. Bem como se reinventar enquanto sujeito, profissional e especialista.

Muitas vezes é creditado ao bibliotecário um olhar tecnicista, o que traz ao mundo a visão de que as atividades realizadas por estes profissionais são apenas de caráter mecânico, autômatos e sem reflexão. Esta noção é reducionista e preconceituosa, uma vez que diminui a atividade do bibliotecário. Apesar de esta idéia ser difundida no senso comum, encontramos autores como Pena (2015, p. 50) que rechaçam esta noção, incluindo o profissional na categoria de artífice, o que

[...] proporciona as bases teóricas que possibilitam estudar o trabalho bibliotecário como trabalho artífice, evitando assim reduzi-lo à sua dimensão instrumento e técnica. Em segundo lugar, ela permite esclarecer as questões ideológicas que dificultam a prática indispensável do exercício bibliotecário como artífice. Em terceiro lugar, finalmente, essa definição demonstra como o bibliotecário contribui, por meio das abordagens que adota e usa, para a produção e legitimação de interesses políticos, econômicos e sociais de certos grupos em detrimentos de outros.

Partindo da premissa de que em todas as situações de trabalho o sujeito realiza usos por si e pelos outros, que todo trabalho é lugar de dramas singulares, julgamentos, juízos, arbitragens. Dias, Santos e Aranha (2015, p. 220) se fundamentam em Schwartz e Durrive (2007) para afirmar que “Todo trabalho é lugar de uma dramática singular, de uso dramático de si, supondo arbitragens, ponderações, critérios e engajamento, onde o protagonista negocia a articulação dos usos de si por outros e por si mesmo”.

Neste contexto, todo profissional tem que se recriar e invocar modos, conhecimentos e saberes próprios inerentes ao “corpo si” para dar conta dos dramas e deformações do meio e assim atuar em sua atividade laboral. Cabe perguntar que “usos de si” que Bibliotecários Técnico Administrativos em Educação estão empregando em suas atividades de trabalho após conclusão dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*? Analisando a partir de reflexões de suas atividades laborais, como estes profissionais criam renormalizações para dar sentido às estas atividades?

5 CONTEXTUALIZANDO

É importante perceber “os usos de si” que os profissionais bibliotecários fazem em sua atividade laboral, e os dramas envolvidos nestas situações, para que este profissional entenda e dê significados à sua rotina de trabalho. Somente a partir da percepção de que “uso de si” que se faz em seu tempo dedicado ao trabalho é parte indissociável e constituinte de sua totalidade enquanto sujeito humano, o profissional poderá inferir que esse tempo é parte de sua vida como um todo e, portanto, deve ser também vivido de forma plena.

Justifica-se este trabalho com bibliotecários universitários uma vez que a Universidade é campo para atuação de um número significativo de profissionais. Além, de ser o setor público, grande empregador destes profissionais. Um exemplo dessa questão, é que em seu estudo, sobre a atuação dos egressos do curso de biblioteconomia em Santa Catarina, Cunha e Pereira (2003) constataram que mais de 70% atuam no aparelho do estado e em Bibliotecas.

O interesse nesta produção de conhecimentos se formou pela necessidade de promover reflexões no cotidiano dos profissionais, a fim de que os auxiliem no enfrentamento das deformações do ambiente, facilitando o entendimento da ocorrência e necessidade das renormalizações ao realizar a atividade de trabalho. É fundamental o entendimento que o contexto laboral é um meio complexo, que exige conhecimentos e habilidades específicas que podem, devem e são levadas para a vida.

As mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, a introdução e utilização da TIC na rotina de trabalho do profissional bibliotecário trouxeram novas demandas e processos, o que torna muito significativo o conhecimento dos dramas envolvidos nas ações dos bibliotecários em suas atividades laborais. Assim, para Cunha e Crivellari (2004, p. 21)

Para que se conheça em profundidade as mudanças qualitativas que ocorreram nos processos de trabalho do bibliotecário, a partir da introdução das tecnologias da informação e comunicação, seria necessário desenvolver programas de pesquisas que se baseassem no uso de métodos qualitativos em ciências sociais, ou em um misto de pesquisas qualitativas e quantitativas. Entrevistas em profundidade, realizadas junto aos profissionais identificados com as transformações em curso, forneceriam um material crucial para o entendimento dessas mutações e, naturalmente, de quem é o real profissional da informação (graduação, pós-graduação, competências, local em que atua, o que faz, ferramentas utilizadas, etc).

Este estudo é também, uma oportunidade para se refletir sobre o plano de carreira dos servidores técnicos administrativos em educação, bem como colocar em discussão o desenvolvimento de trabalhos sobre processos educacionais, produção e socialização de conhecimentos, que exigem diálogos entre disciplinas e saberes acadêmicos e profissionais. Sendo assim, esta proposta carrega inovações construídas socialmente e que requerem ser também socialmente discutidas e compartilhadas.

Com o incentivo prescrito no plano de carreira e com o imperativo da sociedade da informação de contínua capacitação, os bibliotecários procuram respostas através da formação continuada em cursos de pós-graduação em todas as suas categorias, uma delas a *stricto sensu*. É perceptível que muito se fala sobre capacitação, necessidade de atualização, formação continuada (ARRUDA; MARTELETO; SOUZA, 2000; CARVALHO, 2011; DIAS, 2004), porém poucos aspectos subjetivos do sujeito após estas formações são focalizados. Assim, se faz importante um estudo sobre os usos que o sujeito faz de seus conhecimentos, sentimentos, vontades, saberes tácitos e explícitos em sua atividade laboral.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O plano de carreira do serviço público federal foi elaborado de modo a incentivar e valorizar que os profissionais concursados participem de formações continuadas em todos os níveis com o intuito de se aprimorarem suas atividades e de construírem conhecimentos. A realização de cursos pode trazer novas visões, percepções e anseios fazendo com que o sujeito crie e recrie novas formas de trabalhar. Os usos dele por ele mesmo, bem como por outras pessoas estão sempre sob influências internas e externas que podem se modificar com o passar do tempo.

O contexto universitário, sempre cercado de inovação, é solo fértil para criação e desenvolvimento de novas técnicas, modos do fazer e de ser dos sujeitos nele inseridos. A conclusão de um curso de pós-graduação pode influenciar diretamente nestas questões, uma vez que estes tipos de formações podem auxiliar os sujeitos no aperfeiçoamento e crescimento profissional, enquanto indivíduos criativos e críticos.

Acredita-se que os profissionais bibliotecários utilizam estratégias para realizar renormalizações com o intuito de entender, driblar as deformações do meio e dar sentido às suas atividades. E que as formações continuadas em nível de mestrado e doutorado podem ser utilizadas como ferramentas que sustentarão e auxiliarão estas ações.

Esses são postulados inspirados pela revisão teórica realizada. Eles se mostram importantes para o desenvolvimento da pesquisa empírica, que se propôs realizar junto a bibliotecários que atuam no serviço público federal. Com essa investigação, pretende-se analisar as reflexões destes profissionais sobre os usos de si por si e por outros na atividade de trabalho.

Considera-se que a partir de uma investigação empírica será possível perceber as formas e meios que bibliotecários estão lançando mão para uso de seu “corpo si” em atividade de trabalho. Bem como detectar a influência da formação continuada em cursos de pós-graduação *stricto sensu* na atuação do profissional na atividade diária de trabalho deste profissional.

O estudo da atividade de trabalho do bibliotecário, parte do desejo real de compreender aspectos da realidade, e se constitui como um desafio para ampliar a compreensão da mesma e contribuir para o processo coletivo de construção do conhecimento. Além de que estudos dos “usos de si” por Bibliotecários Técnico Administrativos na atividade laboral poderá fornecer melhores instrumentos de gestão para aprimoramento dos trabalhos nas Unidades de Informação, bem como trará conhecimentos explícitos para a Ciência da Informação, Educação e Biblioteconomia.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Maria da Conceição Calmon; MARTELETO, Regina Maria; SOUZA, Donaldo Bello de. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 14-24, set./dez. 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2008. 281 p.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005**. Dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação, e dá outras providências.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei n. 4.084**, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2 de julho de 1962.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. 3. ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010.

BRISOLA, Elisa Maria Andrade; MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira. **A História oral enquanto metodologia dentro do universo da pesquisa qualitativa**: um foco a partir da análise por triangulação de métodos. Revista Ciências Humanas. – Universidade de Taubaté (UNITAU), Taubaté, v. 4, n. 1, 2011.

CARVALHO, Marluce Lima de. **Inovações tecnológicas e de comunicação e o trabalho dos bibliotecários da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)**. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CRESPO, I. M.; RODRIGUES, A. V. F.; MIRANDA, C.L. Educação continuada para bibliotecários: características perspectivas em um cenário de mudanças, **Biblios**, Pittsburgh, v. 7, n. 25-26, jul/dez. 2006.

CRIVELLARI, H. M. T. Relação educativa e formação profissional na Ciência da Informação. In: ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, V, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

CUNHA, D. M. Notas conceituais sobre atividade e corpo-si na abordagem ergológica do trabalho. In: 30ª Reunião anual da ANPED, 2007, Caxambu. **Anped: 30 anos de pesquisa e compromisso social**, 2007.

CUNHA, M.V.; PEREIRA, M.C. O perfil do profissional da informação em Santa Catarina: primeiros resultados. In: ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

CUNHA, Miriam Vieira da; CRIVELLARI, Helena Maria Tarchi. O mundo do trabalho na sociedade do conhecimento e os paradoxos das profissões da informação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim. **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004.

DIAS, D. S.; SANTOS, E. H.; ARANHA, A. V. S. Contribuições da ergologia par a análise da atividade do trabalho docente. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 1, p. 211-227, 2015.

DIAS, Maria Matilde Kronka *et al.* Capacitação do bibliotecário como mediador do aprendizado no uso de fontes de informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 1-16, jul./dez. 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

LASTRES, H. M. M.; ALBAGLI, S. **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1999.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método, e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MIRANDA, A. C. U. C.; SOLINO, A. N. S. Educação continuada e mercado de trabalho: um estudo sobre os bibliotecários do estado rio grande do norte. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 383-397, 2006.

PENA, André de Souza. **Reflexões críticas sobre aspectos produtivos e do trabalho na biblioteca universitária em tempos de crise: comparação entre Brasil, Espanha e Moçambique**. 2015. 269 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2015.

PROSDÓCIMO, Z. P. A.; OHIRA, M. L. B. Educação continuada do bibliotecário: revisão de literatura. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 4, n. 4, p. 111-128, 1999.

SANTOS, Fabiana Pereira dos. **O saber-fazer de bibliotecários de referência no desenvolvimento do letramento informacional acadêmico de graduandos**. Belo Horizonte, 2015. 146f. Dissertação (Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local) - Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2015.

SCHUSTER, Marcelo da Silva; DIAS, Valéria da Veiga. Plano de carreira nos sistemas de gestão público e privado: uma discussão a luz das teorias motivacionais. **Revista de Administração IMED**, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2012.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. (Orgs.). **Trabalho e ergologia: Conversas sobre a atividade humana**. Niterói: EDUFF (Editora da Universidade Federal Fluminense), 2007.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e uso de si. Conversa entre Yves Schwartz, Marcelle Duc e Louis Durrive. In: SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (org.). **Trabalho & ergologia: conversas sobre a atividade humana**. Niterói: EdUFF, 2007. p. 191-223.

SCHWARTZ, Y. Trabalho e valor. **Tempo Social: Rev. Sociol.** USP, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 147-158, out. 1996.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p.

SILVA, Claudia Lourenço da; PONTES, Vanildo Pereira. A pós-graduação no processo formacional do bibliotecário. **Biblios**: Revista electrónica de bibliotecología, archivología y museología, n. 53, p. 29-39, 2013.

SILVA, Jose Fernando Modesto da. O impacto tecnológico no exercício profissional em Ciência da Informação: o bibliotecário. In: VALENTIM, M. L. P. **Atuação profissional na área da informação**. São Paulo: Polis, 2004.

TRINQUET, Pierre. Trabalho e educação: o método ergológico. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, número especial, p. 93-113, ago. 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG. **Quadro de Referência dos Servidores Técnico-Administrativos em Educação – UFMG**: em cumprimento ao Decreto 7232/2010, Art. 4º. [2017].